

Maceira de Covelliana: da cidade monástica à cidade do homem

Ana Maria Tavares Martins
amtfm@ubi.pt
Universidade da Beira Interior

ABSTRACT

The Cistercian Order was introduced in Portugal in the 12th century. The monastic space is the reflection of an ideal, of a worldview, a system of values that all organizes and models. The Cistercian Monastery of Santa Maria da Estrela (Boidobra, Covilhã) was a foundation of the Monastery of Santa Maria de Maceira Dão (Fornos de Maceira Dão, Mangualde). Over time this monastic space is no longer understood as a Monastic City to be absorbed by the City of Man, which is today Covilhã, although still placed on the periphery of the city as it was the precept of the Rule of St. Benedict.

KEYWORDS

Cistercian Order, Monastery, Heritage, Boidobra, Covilhã.

RESUMO

A Ordem de Cister foi introduzida em Portugal no séc. XII. O espaço monástico é o reflexo de um ideal, de uma visão do mundo, de um sistema de valores que tudo organiza e modela. O Mosteiro cisterciense de Santa Maria da Estrela (Boidobra, Covilhã) foi uma fundação do Mosteiro de Santa Maria de Maceira Dão (Fornos de Maceira Dão, Mangualde). Com o tempo este espaço monástico deixou de ser entendido como uma Cidade Monástica para ser absorvido pela Cidade do Homem, que é hoje a Covilhã, embora ainda se localize na periferia da cidade tal como era o preceito da Regra de S. Bento.

PALAVRAS-CHAVE

Ordem de Cister, Mosteiro, Património, Boidobra, Covilhã

INTRODUÇÃO

Este texto repõe a conferência com o mesmo título, proferida por convite, no âmbito das Jornadas Europeias do Património, que decorreram no dia 24 de Setembro de 2011, no Museu dos Lanifícios, na Covilhã. Efectivamente o trabalho agora apresentado faz parte de uma investigação mais abrangente intitulada “As Arquitecturas de Cister em Portugal. A Actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território”, que constituiu a tese de doutoramento da autora, defendida na Universidade de Sevilha. Com este contributo, pretende-se reflectir sobre o património monástico cisterciense da Covilhã, em particular sobre o Mosteiro de Santa Maria da Estrela, Boidobra, Covilhã. Este é um Património esquecido por vezes, mas existente, que merece ser lembrado e acarinhado.

A Ordem de Cister chegou a Portugal, no séc. XII, na sua fase de expansão quando Portugal começava a desenvolver-se enquanto nação (Marques, 1998). De acordo a Maur Cocheril (1976), aponta-se como primeiro mosteiro a ser fundado o de S. João de Tarouca, entre 1143 e 1144, e último, o de Nossa Senhora de Tabosa em 1692. Porém a primazia de S. João de Tarouca é questionada por Maria Alegria Marques (1998) ao sugerir que a primeira fundação cisterciense em Portugal fora o Mosteiro de S. Cristóvão de Lafões.

Desde os primórdios da nação, as fundações e filiações portuguesas estiveram ligadas a objectivos de ocupação ou administração do território. Este facto permite compreender a vasta escala de ocupação do território e a extensão dos seus domínios e áreas de influência. Em 1567, dá-se a desvinculação dos Cistercienses portugueses da obediência de Claraal com a criação da Congregação Autónoma de Alcobaça.

O MOSTEIRO FACE À CIDADE

Em termos arquitectónicos, a Cidade pode ser interpretada como um aglomerado complexo. É constituída por inúmeras relações entre aquilo que a compõe tanto material como imaterialmente, sendo umas de submissão, outras de reacção. (Ansay, 1989; Martins, 2003: 760 - 761). Em simultâneo é possuidora de uma estrita relação com a sociedade que a habita seja ela uma cidade no verdadeiro sentido do termo ou uma micro-cidade como é o caso do mosteiro, mas a cidade pode entender-se igualmente como um ideal (Martins, 2002; Eaton, 2002). Não foi por acaso que Santo Agostinho atribuiu a uma das suas obras o título “A cidade de Deus”, concebendo para a humanidade uma ordem ideal obtida sob a forma de uma cidade governada e legislada por Deus – a Cidade de Deus. (Mattoso, 1987; St. Augustin, 1994) Na obra de Santo Agostinho, encontra-se a ideia de salvação, em conotações urbanas, uma dicotomia entre a Babilónia terrestre e a Jerusalém celeste. A cidade é a evocação de um mundo estruturado, racional, mas também é possuidora de uma ordem consciente, planeada, assim como de uma organização convergente para um fim, neste caso a salvação, que se opõe a uma natureza desgovernada, lugar de contradições.

MONAQUISMO E CISTER

O monaquismo procura dar resposta a algumas das mais profundas aspirações da alma humana: a busca da perfeição e o desejo da contemplação divina. Para tal ser possível, é necessária a *fuga mundi* ou *contemptus mundi* para buscar uma união do espírito com Deus. O espaço propício é o mosteiro onde se vive em comunidade. No caso dos cistercienses, a busca de Deus devia fazer-se através da ascese e do despojamento total, sem qualquer tipo de solicitações externas à alma, procurando também atingir o Paraíso. Fraternidade, pobreza, simplicidade e silêncio são as palavras-chave da espiritualidade cisterciense. Os monges nada possuíam ou pelo menos assim era na sua génese: “O sustento dos monges da nossa Ordem deve provir do trabalho das suas mãos, do cultivo das terras, da criação de animais (...)” (CAPITULA: XV).

Foi a vontade de alterar o que estava a acontecer quando a Ordem foi fundada que fez com que os Cistercienses procurassem um regresso às origens da Regra de S. Bento, isenta das interpretações e desvios dos séculos transcorridos, e assim tal como os Padres do Deserto no seu tempo buscaram a *fuga mundi* e estabeleceram os princípios do monaquismo, vivendo para atingir Deus e sonhando com um mundo melhor, o Paraíso (Martins, 2004: 21-25). Note-se que, desde os primórdios da Idade Média, quando se buscava o Paraíso Celeste e a comunhão com Deus, aspirava-se não o regresso ao Éden do Génesis, mas sim à grande cidade de Jerusalém Celeste apresentada pelo Apocalipse de S. João e símbolo urbano da salvação e da vitória das forças do bem sobre o mal. Esse Paraíso celeste encontrará várias aproximações terrestres que ganham forma nos mosteiros, o Paraíso na Terra e a Cidade de Deus. Segundo Braunfels, todo o bom mosteiro ambiciona ser uma representação da *Civitas Dei*.” (Braunfels, 1993: introduction)

ESPAÇO MONÁSTICO CISTERIENSE

O espaço monástico é assim o reflexo de um ideal, de uma visão do mundo, de um sistema de valores que tudo organiza e modela. Razões de ordem espiritual e material exercem um papel decisivo na escolha dos locais de edificação de cada mosteiro da Ordem de Cister.



01.

Mosteiro de Santa Maria das Júnias, Montalegre, Parque Nacional Peneda Gerês.

(fotografia da autora)

Frequentemente, os Cistercienses implantaram os seus mosteiros em vales (Fig. 1), sendo para isso necessário proceder a profundas transformações no território de modo a torná-los férteis e habitáveis. A procura e predileção de vales para a implantação de mosteiros estão patentes não só na legislação primitiva como também nos versos caracterizadores das preferências das diferentes instituições religiosas: “Bernardus valles, colles Benedictus amabat, / Franciscus vicos, celebres Ignatius urbes” (Dimier, 1999: 51) ou seja em tradução livre “Bernardo amava os vales, Bento as colinas, Francisco as vilas, Inácio as grandes cidades”. Obviamente aqueles espaços de implantação dos monges situavam-se junto a cursos de água. Estes locais permitiam assim o acesso a este bem precioso para a subsistência, tanto como o isolamento do bulício da vida urbana. Mas também era nos vales que se encontravam as matérias-primas necessárias à construção e terras para cultivo.

O espaço monástico pode-se constituir como um organismo apropriador do território, modelando-o e alterando-o conforme as suas necessidades e cujo espaço arquitectónico é edificado consoante as necessidades do espírito e do corpo. Quer na sua vertente física como na vertente ideal, este é o lugar construído pelos homens e ordenado segundo a vontade de Deus.

S. Bernardo compara a cidade ideal a este Paraíso, na sua Epistola 64 (S. Bernardo, 1994) ao referir-se à Abadia de Claraval desejando que esta fosse para os monges a possível Jerusalém Celeste na terra. Um mosteiro cisterciense deveria ser encarado como uma cidade ideal e dotado de todos os elementos necessários à subsistência como refere a Regra de S. Bento: “Se possível for, deve o mosteiro ser construído de forma a ter de portas adentro tudo o necessário, a saber: água, moinho, horta, oficinas onde se exerçam os diversos ofícios, para que os monges não tenham necessidade de andar lá por fora, o que não é nada conveniente para as suas almas.” (RSB: LXVI), para além do facto que:

“Nenhum mosteiro poderá ser erigido em cidade, burgo ou aldeia. / Não se pode enviar um novo abade para fazer uma nova fundação sem pelo menos doze monges, sem que entre os livros haja um saltério, um himnário, um colectário, um antifonário, um gradual, uma Regra, um missal, nem antes de naquele local terem sido levantados os edifícios do oratório, do refeitório, da casa para hóspedes e para o porteiro; isto para que imediatamente possam servir a Deus e levar uma vida regular. / Fora dos muros do mosteiro não se construa qualquer edifício destinado a habitação, que não seja o dos animais. / Com o objectivo de perpetuar entre as abadias uma unidade indissolúvel, estabeleceu-se como norma suprema que a regra de S. Bento será interpretada de uma única maneira e que ninguém se afaste daí, mesmo que seja num pequeno traço.”

(CAPITULA: IX)

Para além de toda a sua carga simbólica, o mosteiro é um local funcional onde tudo tem a sua justificação e se insere no seu lugar pois o mosteiro é um local de habitação dos Homens, mas também de Deus (Dias, 1997: 13-37). Segundo Bernardo de Claraval, o claustro era o *Paradisum Clausuralis* sendo a vida dentro dele não só um ideal de vida, mas também a imagem da antecipação do paraíso.

Deste modo, a nível formal e arquitectónico, o Claustro era o epicentro do espaço monástico, em que três dos quatro lados correspondem às funções essenciais (Fig. 2):

* *spiritus*, a Norte, onde se localizava a igreja lugar específico para a oração, introspecção e elevação espiritual;

* *anima*, a Este, onde se encontrava a sacristia, sala do capítulo, salas de trabalho intelectual, lugares de trabalho mas também de elevação intelectual e espiritual;

* *corpus*, a Sul, onde se localizava a cozinha, o calefactório, o refeitório, as latrinas, ou seja tudo o que era necessário à sobrevivência e subsistência do corpo, do organismo vivo e humano que compunha cada monge;

* o quarto lado do claustro, a Oeste era aberto aos Conversos sendo constituído pelo celeiro, dormitório, refeitório, latrinas.



02.

Plano tipo de um Mosteiro cisterciense com separação por áreas operativas.

(desenho e síntese elaborados pela autora)

Note-se a diferença de significados e oposição entre o lado do *spiritus* e o lado do *corpus* sugerindo a dicotomia terra-céu e matéria-espírito. Os mosteiros cistercienses apresentam-se com uma divisão em dois sectores distintos, de acordo com as estruturas sociais da Ordem, de modo a poder albergar dois grupos tão díspares, como eram os monges e os conversos.

O plano arquitectónico cisterciense nunca foi estático pois foi-se adaptando consoante as suas necessidades e consoante os desafios da realidade do contexto em que se inseriam. Apesar da utilização de um plano tipo, dificilmente se encontram duas abadias cistercienses idênticas, pois deve-se ter em atenção, não só as devidas adaptações e alterações, como também as condicionantes de cada local.

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA ESTRELA

O Mosteiro de Santa Maria da Estrela, localizado na freguesia da Boidobra, Covilhã, foi uma fundação do Mosteiro de Santa Maria de Maceira Dão (Fig. 3) localizado em Fornos de Maceira Dão, Mangualde.

No testamento de D. Afonso III (1271), o Mosteiro é designado pelo nome de Maceira de Covelliana precisamente por ser fundação do Mosteiro de Maceira Dão (Cocheril, 1970: 572). O Mosteiro de Santa Maria da Estrela surge, por esta via, na ramificação cisterciense do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça.

03.

Mosteiro de Santa Marial de Maceira Dão, Fornos de Maceira Dão, Mangualde.

(fotografias da autora)

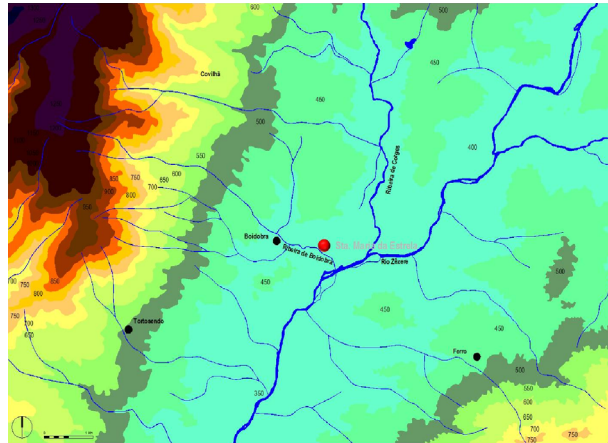


O mosteiro de Santa Maria da Estrela localiza-se no sopé da Serra da Estrela, numa situação de cota elevada e de planalto interior, por isso talvez os registos de invernos rigorosos e verões quentes que impediam a vida monástica neste mosteiro como se poderá constatar um pouco mais adiante neste texto.

04.

Localização geográfica do Mosteiro de Santa Maria da Estrela.

(desenho elaborado pela autora)

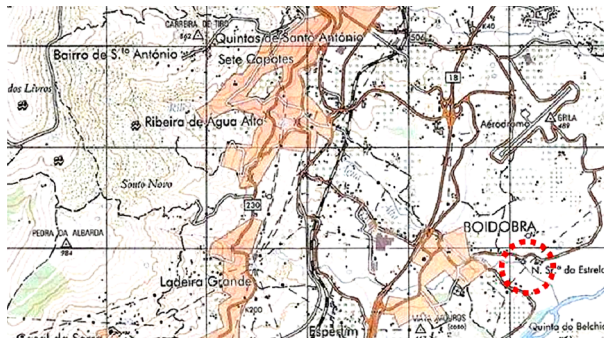


De facto, tal como a maior parte dos mosteiros cistercienses em território português, o Mosteiro de Santa Maria da Estrela localiza-se numa situação de vale, mas neste caso um vale pouco convencional, no âmbito das implantações cistercienses (fig. 4) uma vez que se encontra numa situação igualmente planáltica e de montanha (Fig.4 e Fig. 5). No entanto, a sua proximidade à linha de água, que constitui o rio Zêzere, vem comprovar a necessidade da implantação dos mosteiros cistercienses segundo este preceito (Fig. 6).

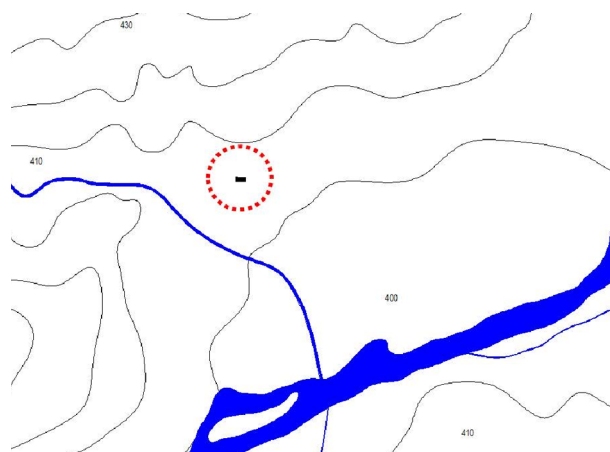
05.

Localização do Mosteiro de Santa Maria da Estrela.

(desenho da autora sobre carta militar nº 20-I COVILHÃ – 2005 - série M782)



Com efeito, o Mosteiro de Santa Maria da Estrela foi fundado cerca do ano 1220, por D. Mendo, Abade de Maceira Dão, tendo sido suprimido no dia 1 de Maio de 1579 e as suas receitas juntamente com as receitas do Mosteiro de Santa Maria do Ermelo, Ermelo, Arcos de Valdevez e do Mosteiro de Tamarães perto de Ourém, do qual já não há vestígios, foram acrescentadas às receitas do Colégio de S. Bernardo de Coimbra localizado na R. da Sofia, Coimbra.



06.

Implantação do Mosteiro de Santa Maria da Estrela confirmando-se a proximidade à linha de Água / Rio Zêzere.

(desenho e síntese elaboradas pela autora).

É possível ainda hoje imaginar um pouco do que teria sido o Mosteiro de Santa Maria da Estrela ao reler quatro documentos coevos: sejam as memórias de Fr. Hilário das Chagas (in “Memórias várias...da fundação do Real Mosteiro de Alcobaça”) ou os apontamentos de Fr. Pedro de Aguiar, Abade de Santa Maria da Estrela (in “Apontamentos de frey pedro daguiar abbade do mosteiro de santa maria da estrela”) aquando a visitação do Abade de Claraval, D. Édme de Saulieu, acompanhado do seu secretário Fr. Claude de Bronseval (in *Peregrinatio Hispanica*). Não deixando de parte a descritiva Carta de Visitação feita ao Mosteiro de Santa Maria da Estrela [1533, Fevereiro, 11, Santa Maria da Estrela (Covilhã)]. Desta forma, observa-se que o Mosteiro localizado na Boidobra, apresentava nesta altura alguns aspectos difíceis.

Afirma Fr. Hilário das Chagas que o mosteiro parece um simples ermitério com: “Casa mal feita e mal proporcionada em toda a sua feitura.” (Cocheril 1970: 573). Também Fr. Pedro de Aguiar refere que “...segundo sua pobreza se pode mais chamar oratório que mosteiro... e portanto os vizitadores que pellos tempos vierão a este Reino nunca a foram visitar por saberem que era huma casa muito pequena e pobre.” (Cocheril 1970: 573) O abade do Mosteiro de Santa Maria da Estrela, Fr. Pedro de Aguiar, ainda lembra que dois anos antes, quando se tornou abade, foi o responsável pela colocação de um novo telhado na igreja uma vez que os seus antecessores nada haviam feito: “...eu fiz a dita Igreja de novo no q. guastey mais de cincoenta mil reis de maneira que nestes dous anos que sou abbade repayrey e fiz mais obra na dita casa do que fizerão os outros abbades meus antecessores enquanto forão abbades pois que estando a igreja tam denificada e pera cair há tanto tempo nunca a mandaram renovar” (Cocheril 1970: 573). O abade Pedro de Aguiar vivia quase todo o ano em Alcobaça devido à insalubridade do local e também para economizar. Durante a sua ausência, dois habitantes da Covilhã guardavam e vigiavam o Mosteiro

de Santa Maria da Estrela. De facto, D. Édme de Saulieu, abade de Claraval, acompanhado pelo seu secretário Claude de Bronseval, visitou o Mosteiro de Santa Maria da Estrela em 10 de Fevereiro de 1533 e este último refere o seguinte:

“No dia 10, partimos depois da missa da manhã e descemos um vale de oliveiras. Um pouco mais longe apareceu a vila da Covilhã situada na montanha e rodeada de bosques de castanheiros e de oliveiras, sobre um fundo de altas montanhas a norte cobertas de neve. Seguimos sempre uma ribeira no fundo de um vale inserido numa grande região pouco fértil, até encontrarmos o Zêzere (...). O mosteiro da Estrela encontra-se ao lado numa planície. / Este Mosteiro encontra-se hoje [1533] na diocese da Guarda. Todas as dependências estão absolutamente arruinadas e perante esta desolação nem parece ter existido aqui, em tempos, um mosteiro. / O Abade chamava-se Fr. Pedro de Aguiar. Era monge de Alcobaça e exercia o cargo de prior. Havia dois monges de Alcobaça neste mosteiro: um padre e um converso. Receberam o Monsenhor como ignorantes e a custo foram capazes de o conduzir ao oratório. Não havia cerca. A Igreja é pequena. O abade havia mandado recobri-la dois anos antes. Não havia sacramentos. Quatro bancos dispostos um aqui e outro ali no presbitério serviam de coro aos monges. Todos os edifícios são contíguos à Igreja e posicionam-se em direcção ao sul. Não se vislumbra traço do claustro: todo o local foi invadido por árvores. / Vejamos o que posso dizer deste mosteiro, para além de que para serviço destes dois irmãos havia quatro mulheres que não sossegaram à nossa chegada, mas que mantinham o local realmente fechado como se fosse a sua própria casa. Elas iam e vinham para todo o lado, perfeitamente acostumadas a proceder dessa forma. / O monge afirma em consciência, ao Monsenhor, que o mosteiro poderia valer 700 000 reis por ano (...). Durante os três meses de Julho, Agosto e Setembro existe, ao que parece, um tal calor que ninguém deseja residir no mosteiro porque a humidade é intolerável. O calor juntamente com a humidade prejudica a saúde dos seus habitantes. Este monge foi aqui enviado, há apenas dois anos. Ele não recitava as horas canónicas no oratório. Eu toquei o sino para as vésperas, que recitamos no presbitério e durante as quais pude observar que este monge fazia bastantes erros na recitação do seu ofício. / No dia 11, Monsenhor celebra a missa à aurora. Em seguida ocupa a Sala do Capítulo onde obriga os dois irmãos a ler e comentar a Carta de visitação e prepara-se para a partida.”

(Bronseval, XVI: 571-573)

D. Edme de Saulieu redige a 11 de Fevereiro de 1533, no Mosteiro de Santa Maria da Estrela, Covilhã, a “Carta de Visitação feita ao Mosteiro de Santa Maria da Estrela (Covilhã)” que se passa a transcrever:

“[1] Para louvor de Deus e salvação das almas. Nós, Fr. Edmundo, abade de Claraval, da Ordem Cisterciense, na Diocese Lingoniense, visitador geral de todos e de cada um dos mosteiros da Ordem situados no ínclito Reino de Portugal, por autoridade do Capítulo Geral dessa Ordem e deputado por permissão e mandado do sereníssimo senhor rei e do reverendíssimo senhor cardeal seu irmão. Visitando nós o Mosteiro de Santa Maria da Estrela, da mesma Ordem, situado na Diocese da Guarda, imediatamente sujeito ao Mosteiro de Alcobaça, ficámos extremamente perplexos ao vermos a ruína dos seus lugares e das suas oficinas regulares, bem como por só aí encontrarmos um único monge. Todavia, em virtude do nosso ofício, ordenamos que sejam cumpridos os mandados seguintes:

[2] Primeiramente mandamos que, em cada dia, se celebre sempre uma missa na igreja deste Mosteiro e, quando possível, duas e sejam recitadas no coro todas as horas do ofício divino, tanto canónicas como as de Santa Maria e as de Defuntos; e para que possam cumprir isto com maior decência, determinamos que residam sempre neste Mosteiro, se o abade aqui estiver, ele e mais um outro monge ou, ausentando-se o abade, que deixe um outro religioso da nossa Ordem, que seja sacerdote, em seu lugar a fim de sempre estarem neste Mosteiro ao menos dois religiosos para cumprimento do dito ofício divino, segundo a piedosa intenção do fundador deste Mosteiro.

[3] *Determinamos também que o dito senhor abade, na sua ausência, dê procuração suficiente aos ditos religiosos para que possam receber os réditos do Mosteiro para acorrerem às suas necessidades e às do mesmo. Ordenamos a estes religiosos que vivam em verdadeira comunidade, não lhes sendo lícito possuírem qualquer pecúlio ou qualquer outra coisa própria sem a devida licença do superior.*

[4] *Ordenamos também que estes religiosos vivam, tanto quanto puderem, honesta e religiosamente, observando os mandamentos de Deus e da Santa Madre Igreja, bem como os preceitos da Santa Regra e dos estatutos da nossa Ordem, sobretudo evitem deambular fora do Mosteiro, nem sequer saiam dele se não houver uma causa urgente e necessária e sempre com permissão do superior. E evitem, tanto dentro como fora do Mosteiro, na medida que puderem, a conversação de pessoas ou a visita de lugares suspeitos e mal-famados. E tenham sempre, em todo o lado, gravidade no falar, nos gestos e no vestir. Não usem nunca túnicas abertas ou com mangas desconformes e tragam sempre tonsura [do tamanho] de um palmo ou do dedo polegar.*

[5] *Ordenamos também que não será permitida a frequência desse Mosteiro por mulheres e, ainda mais rigorosamente, ninguém aí seja admitido, sob pena de excomunhão, se for suspeito ou de má fama.*

[6] *Determinamos também que os mesmos irmãos, realizado o ofício divino, se entreguem à leitura, à meditação ou a qualquer outra ocupação manual honesta, para que nunca sejam ociosos.*

[7] *Mandamos também ao abade, segundo a sua consciência e a possibilidade do Mosteiro, que proceda às reparações de que o edifício necessita, segundo louvavelmente já fez na igreja, devendo-se prioritariamente reparar o tecto da Capela de S. Brás e o cálice de prata, até à Páscoa, e também, o mais depressa que seja possível, restaurar os livros antigos lacerados que servem ao ofício divino. Tenha ainda especial cuidado na construção dos lugares regulares, que nada há neste Mosteiro, e faça despejar do Capítulo as tulhas de azeite e pipas de vinho e outros vasos que agora aí se encontram e, de futuro, não se façam tais usos profanos nesse lugar.*

[8] *Ordenamos também que os títulos e cartas e documentos do Mosteiro sejam depositados em lugar fechado e seguro, com diversas chaves, e dêem, todos os anos, inteira conta de todas as receitas e despesas desse Mosteiro, que ali depositarão com os demais títulos, para conservação futura dos direitos do mesmo.*

[9] *E porque, nesta visitação, a fim de proceder à restauração desse Mosteiro muitas outras coisas é necessário ordenar, deixamo-las para as apresentar, com serenidade, quando falarmos, havendo audiência, com o dito senhor rei e com o dito senhor abade.*

[10] *Finalmente, rogamos, imprecamos e apelamos ao senhor abade e aos religiosos que pelo tempo fora habitarem neste Mosteiro, a cada um deles, que, vivendo assim neste vale de miséria, por sua estrela terreal possam alcançar o sol eterno.*

[11] *Determinamos, também, que esta nossa carta de visitação seja conservada e se execute o que nela se manda e, ainda, que seja trasladada do latim para o idioma pátrio a fim de melhor ser lida e exposta, quatro vezes em cada ano, diante dos irmãos.*

[12] *Dado no mesmo Mosteiro da Estrela debaixo da aposição do nosso selo. No dia undécimo do mês de Fevereiro. Ano do Senhor milésimo quingentésimo trigésimo terceiro do calendário romano.”*

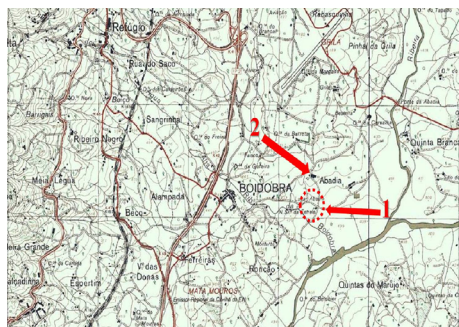
(Saulieu, XVI: 243-248)

É curioso se pensarmos que a Ordem de Cister procurava o isolamento do bulício das cidades facto que está patente no Mosteiro de Santa Maria da Estrela. Decerto este localiza-se na Covilhã longe da implantação das indústrias que nos anos subsequentes foram surgindo adossadas à Ribeira da Carpinteira

ou à Ribeira da Goldra. Certamente existiriam rebanhos sob o olhar atento dos conversos cistercienses deste mosteiro, uma vez que a toponímia o regista, pois ainda hoje existe “Quinta da Abadia” um pouco mais a norte da localização de Santa Maria da Estrela (Fig. 7).

07.

Localização do (1) Mosteiro de Santa Maria da Estrela e da (2) Quinta da Abadia (desenho da autora sobre carta militar nº 235 COVILHÃ – 2000 série M788).



Curiosamente, os Cistercienses partem da Covilhã quando outras Ordens religiosas se encontravam em franco crescimento, como é o caso das Ordens mendicantes, de que é exemplo o Convento de Santo António dos Capuchos, onde hoje se encontra instalada a Reitoria da Universidade da Beira Interior.

SANTA MARIA DA ESTRELA NA ACTUALIDADE

Nos primórdios o templo medieval possuía cabeceira ad quadratum. Na actualidade o que subsiste deste Mosteiro, ou pensa-se subsistir, resume-se às sucessivas reconstruções do oratório. O exterior deste templo apresenta uma cobertura de duas águas sendo as fachadas em cantaria de granito aparente com aparelho rústico e juntas preenchidas com cimento, rematadas em cornija de betão e beiral (Fig. 8).

08.

Aspectos do exterior do Mosteiro de Santa Maria da Estrela.

(fotografias da autora)



Na fachada principal, fronteira ao adro, abre-se portal de verga recta encimado por brasão colocado a eixo. Adossada à fachada norte, encontra-se uma escadaria, de um lanço apenas, que conduz ao coro alto desde o exterior. Na fachada sul, abre-se um outro portal de verga recta. Não existem vestígios dos restantes edifícios monásticos.

Porém, atendendo ao plano tipo dos mosteiros cistercienses pode-se crer que o Mosteiro de Santa Maria da Estrela se desenvolveria a partir da igreja para sul,

isto é, que existisse um claustro adossado ao templo, entre a ala dos monges e a dos conversos, (Fig.2) que seriam perpendiculares à igreja, tendo em conta que deveria existir o fechamento deste claustro, com uma ala oposta à igreja, onde se trataria das necessidades do corpo, mais do que do espírito, seria a ala do refeitório, da cozinha e do calefactório.



09.

Localização do Mosteiro de Santa Maria da Estrela e sua proximidade com a ETAR

(desenho da autora sobre fotografia aérea Virtual Earth)

Formulando esta hipótese poderia aceitar-se que o Mosteiro de Santa Maria da Estrela se prolongasse para os terrenos hoje ocupados pela ETAR, terrenos que sem dúvida fariam parte integrante da sua cerca de clausura (Fig. 9).



10.

Interior da Igreja de Santa Maria da Estrela Capela-mor e Coro-alto.

(fotografias da autora, datadas de 2001)

No interior, a nave é iluminada apenas pelas portas de verga recta que se abrem para o exterior tanto na fachada sul como na fachada oeste. A igreja ainda apresenta vestígios do arco triunfal de volta perfeita que antecede a capela-mor. O coro-alto antecede a nave simples de carácter longitudinal. A meia altura, as paredes apresentam-se revestidas por vulgares azulejos azuis e brancos datados da segunda metade do século XX.



11.

Interior da Igreja de Santa Maria da Estrela, capela-mor, com retábulo-mor (1), em 2001 e capela-mor, já com o apeamento do retábulo-mor (2), em 2011 (fotografias da autora, datadas de 2001 e de 2011)

Nos primeiros anos do novo milénio, ainda se podia observar no altar um retábulo-mor pintado de branco pérola que acolhia a imagem de Nossa Senhora da Estrela. Actualmente, o retábulo-mor é inexistente ficando a parede nua com um registo de uma arcatura de volta perfeita que acolhe agora a primitiva pedra granítica do altar-mor sobre a qual repousa a imagem de Nossa Senhora da Estrela. Porém, nas paredes laterais da capela-mor, encontram-se dois suportes para flores, em madeira pintada de branco pérola, que correspondem a partes reaproveitadas do retábulo referido anteriormente (Fig. 12).

.12

Interior da Igreja de Santa Maria da Estrela, retábulo-mor em 2001 (1), reaproveitamento de estruturas do antigo retábulo (2) e detalhe da imagem de Nossa Senhora da Estrela (3) ainda inserida no antigo retábulo-mor em 2001 (fotografias da autora, 1 e 3 datadas de 2001 e 2 datada de 2011)



CONCLUSÃO

Os mosteiros cistercienses desenvolveram-se de acordo com o crescimento de Portugal sendo reflexo e expressão da época em que se inseriam. Em 1567, passaram a integrar a Congregação Autónoma de Alcobaça desvinculando-se da obediência de Claraval, foram alvo de inúmeras remodelações, ampliações e beneficiações e sofreram com os acontecimentos e catástrofes nacionais. Porém, o Mosteiro de Santa Maria da Estrela cedo foi suprimido, a 1 de Maio de 1579, não beneficiando desta senda de melhoramentos. Talvez seja esta a principal razão pela qual o edifício monástico não tenha subsistido até à actualidade. De facto, o espírito de Cister e os seus ideais adivinham-se em todo e cada um dos exemplares da sua arquitectura subsistente hoje um pouco por toda a parte como refere o monge cisterciense Dom Maur Cocheril ao lembrar a estadia dos monges cistercienses em Portugal.

“Quando os monges, durante séculos e séculos,/ impressionaram com a sua marca uma terra,/ ainda que não ficasse da moradia dos monges/ senão uma pedra que se desagrega,/ senão um grão de areia que se esbroa,/ a pedra, a areia falam dos monges./ Mesmo que a pedra e o grão de areia/ por seu turno desaparecessem,/ a terra, a velha e nobre terra,/ a terra sobre a qual os monges se debruçavam,/ o vale em que rezavam,/ as árvores que plantaram / continuariam a falar deles./ Porque, durante séculos e séculos,/ os monges impressionaram com a sua marca uma terra.”

(Cocheril 1965: 17)

Do Mosteiro de Santa Maria da Estrela, na Covilhã, deve-se salientar a toponímia subsistente, a memória e o oratório, tantas vezes reconstruído com

afeição pela população de Boidobra, sendo sem dúvida uma marca indelével da Ordem de Cister. Resta igualmente reter que a história do património cistercienses português se confunde com a própria história de Portugal e que demonstra como um ideal de espaço monástico, baseado num plano, se pode traduzir numa realidade material, que converge para uma apropriação do espaço ideal, que ganha corpo transformando-se e originando, por vezes, cidades no sentido estrito do termo, cidades do Homem. Da mesma forma, não deverão ser esquecidas todas as conotações simbólicas, ideais e espirituais inerentes aos Mosteiros nem as transformações operadas que permitiram a dialéctica entre a pequena escala e a grande escala, isto é, da Cidade de Deus ao Mosteiro e, hoje, do Mosteiro à cidade do Homem. Lembremo-nos da existência cisterciense na Covilhã, e de que através do património arquitectónico cisterciense, Portugal faz parte da Carta Europeia dos Mosteiros e Sítios Cistercienses e consequentemente da Rota Europeia das Abadias Cistercienses à qual foi atribuída, em 2010, a menção Itinerário Cultural do Conselho da Europa.

BIBLIOGRAFIA

- Ansary, Pierre (1989). *Penser la Ville*. Bruxelles: Éditions AAM.
- Braunfels, Wolfgang (1993). *Monasteries of Western Europe – The Architecture of the Orders*. London: Thames & Hudson.
- Bronseval, Frère Claude de (XVI); *Peregrinatio Hispanica. Voyage de Dom Èdeme de saulieu, Abbé de Clairvaux, en Espagne et au Portugal (1531-1533)* ed. Cocheril, Maur (1970) Paris: PUF.
- CAPITULA* in Nascimento, Aires (1999). *CISTER: os Documentos Primitivos*; Tradução, Introduções e Comentários de Aires do Nascimento. Lisboa; Edições Colibri.
- Cocheril, Maur (1965); *Cister em Portugal*. Lisboa: Edições Panorama.
- Cocheril, Maur (1970). *Introduction et notes*. in BRONSEVAL, Frère Claude de ; *Peregrinatio Hispanica. Voyage de Dom Èdeme de saulieu, Abbé de Clairvaux, en Espagne et au Portugal (1531-1533)*. Paris: PUF.
- Cocheril, Maur (1976). *Les Abbayes Cisterciennes Portugaises dans la seconde moitié du XX siècle*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Dias, Geraldo Coelho (1997). *Do Mosteiro Beneditino Ideal ao Mosteiro de S. Bento da Vitória. História, espaços e quotidiano dos monges*. In *O Mosteiro de S. Bento da Vitória. 400 anos*; Porto: Edições Afrontamento.
- Dimier, Pe. Anselme (1999). *Stones laid before the Lord. A history of monastic architecture*. Michigan: Cistercian Publications.
- Eaton, Ruth (2002). *Ideal Cities*. London: Thames & Hudson.
- Marques, Maria Alegria Fernandes (1998). *Estudos sobre a Ordem de Cister em Portugal*. Lisboa: Edições Colibri.
- Martins, Ana Maria Tavares (2011). *As Arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Sevilha (Espanha). Sevilha: inédito, policopiado.
- Martins, Ana Maria Tavares (2002). *Do Ideal no espaço monástico: Utopia e realidade. O caso cisterciense*. In *Utopolis journal – utopian studies*, nº 2. Madrid: Utopia Research Publisher.

Martins, Ana Maria Tavares (2004); El Patrimonio Monástico: Integración y desarrollo en la Ciudad Contemporánea. in *VII Congreso Internacional de Rehabilitación del Patrimonio Arquitectónico y Edificación*. Tenerife: CICOP.ESPAÑA.

Martins, Ana Maria Tavares (2003). The Monastery as the City of God: Ideals and Reality. Sta Maria de Alcobça, a portuguese case. In *THE PLANNED CITY?*. Bari: Union Gráfica Corcelli Editrice.

Mattoso, José (1987). A Cidade Medieval na Perspectiva da História das Mentalidades in *Cidades e História*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Serviço de Belas-Artes.

Regra do Patriarca S. Bento (RSB); traduzido e anotado do latim pelos Monges de Singeverga; Edições "Ora & Labora"; Mosteiro de Singeverga; 1992.

Saulieu, Èdeme (XVI); Carta de Visitação feita ao Mosteiro de Santa Maria da Estrela (Covilhã). trad. Saul António Gomes in GOMES, Saul António (1998). *Visitações a Mosteiros Cistercienses em Portugal – séculos XV-XVI*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR).

NOTAS

↔ Licenciada em Arquitectura (1997) pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa (FA-UTL). Doutora pela Universidade de Sevilha (Espanha) com a tese "As Arquitecturas de Cister em Portugal. A actualidade das suas reabilitações e a sua inserção no território". Docente do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura da Universidade da Beira Interior onde lecciona disciplinas de História de Arquitectura, Teoria da Arquitectura e Desenho. Investigadora do C-MADE (Centre of Materials and Building Technologies) da Universidade da Beira Interior e do CEAA (Centro de Estudos Arnaldo Araújo da Escola Superior Artística do Porto). Principais linhas de investigação: Arquitectura Monástica, Protecção e Reabilitação do Património Arquitectónico.